



A JORNADA DO “ICORP ON THE ROAD” AO LONGO DO RIO DOCE: VALORES DO PATRIMÔNIO

**NERY, Samantha de Oliveira (1); ANDRADE, Cláudia Nunes de Lima e (2);
OTONI, João Pedro (3); CASTRIOTA, Leonardo Barci (4)**

1. Universidade Federal de Minas Gerais. Programa de Doutorado em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável. Escola de Arquitetura da UFMG - Rua Paraíba 697, sala 201. Cep. 30130-140, Belo Horizonte, Minas Gerais.
E-mail: samnery@gmail.com

2. Universidade Federal de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável. Escola de Arquitetura da UFMG - Rua Paraíba 697, sala 201. Cep. 30130-140, Belo Horizonte, Minas Gerais.
E-mail: candrade@arq.mest.ufmg.br

3. Universidade Federal de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável. Escola de Arquitetura da UFMG - Rua Paraíba 697, sala 201. Cep. 30130-140, Belo Horizonte, Minas Gerais.
E-mail: otoni.joaop@gmail.com

4. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Arquitetura da UFMG - Rua Paraíba 697, sala 201. Cep. 30130-140, Belo Horizonte, Minas Gerais.
E-mail: leocastriota@yahoo.com.br

RESUMO

O presente trabalho relata a experiência de uma equipe no projeto *ICORP on the Road* Brasil, realizado pelo Comitê Científico Internacional ICORP, Turquia, vinculado ao ICOMOS, que trabalha em prol da conservação e proteção do patrimônio cultural ao redor do mundo e assessora a UNESCO. Este Projeto se iniciou em 2018, com o objetivo de captar as perspectivas de sobreviventes e profissionais diante de grandes desastres e tragédias, através da realização de documentários, buscando compreender o papel do patrimônio material e imaterial no processo de recuperação. Até o presente, o ICORP on the ROAD filmou quatro episódios em diferentes países, onde ocorreram terremotos, ataques terroristas, destruição intencional do patrimônio nacional. O rompimento da barragem de Fundão, ocorrido em novembro de 2015, em Mariana, Minas Gerais, motivou a filmagem do quinto episódio, que aborda seus impactos ao longo da bacia do rio Doce e os processos de luta e reconstrução dos atingidos e dos profissionais envolvidos. Percebeu-se que a conexão das populações com seu patrimônio tem sido uma força motriz que lhes auxilia a lidar com as perdas. Constata-se ainda que esse Projeto pode ser um diferencial para ampliar o conhecimento de vários públicos sobre o tema do patrimônio, possibilitando novas perspectivas e permitindo uma possível preparação de outros grupos na conservação de seus patrimônios.

Palavras-chave: Desastre do Rio Doce; Patrimônio Cultural; Recuperação do Patrimônio; Resiliência; Patrimônio em Risco

ABSTRACT

The present work reports the participation of a Brazilian team in the "ICORP on the Road" project carried out by ICOMOS International Scientific Committee ICORP, which works in favor of the conservation and protection of cultural heritage around the world and assists UNESCO. This Project started in 2018, having the objective of capturing how survivors and experts have been dealing with calamities and tragedies from their perspectives. It seeks to understand the recovery process after the loss of material and immaterial heritage. To date, "ICORP on the ROAD" has launched four episodes filmed in different countries where earthquakes, terrorist attacks, and intentional destruction of national heritage have occurred. The Fundao dam rupture, which took place on November 5th, 2015, in Mariana, Minas Gerais, motivated the making of its fifth episode. It focuses on the rupture's impacts along the Doce River basin, the fight and reconstruction processes of the affected people, and experts. It became evident that the connection between the communities and their heritage contributes to building up stamina to deal with losses. This audiovisual series can make a difference in extending knowledge on cultural heritage by reaching a wider public, presenting different perspectives, and promoting preparedness among other groups for their heritage conservation.

Key words: *Rio Doce disaster; Cultural heritage; Heritage Recovery; Resilience; Cultural Heritage at Risk*

RESUMEN

El presente trabajo describe la experiencia de un equipo en el proyecto ICORP on the Road Brasil, realizado por el Comité Científico Internacional ICORP, Turquía, conectado al ICOMOS, que trabaja en favor de la conservación y protección del patrimonio cultural alrededor del mundo y aconseja la UNESCO. Ese Proyecto se inició en 2018, con el objetivo de comprender las perspectivas de supervivientes y profesionales delante desastres y tragedias de magnitud, a través de la realización de documentales, buscando percibir el papel del patrimonio material e inmaterial en su proceso de recuperación. Hasta la fecha, ICORP on the ROAD ha filmado cuatro episodios en diferentes países, donde se han producido terremotos, ataques terroristas, destrucción intencional del patrimonio nacional. La rotura de la Presa de Fundão, en noviembre de 2015, en Mariana, Minas Gerais, motivó el rodaje del quinto episodio, que aborda los impactos provocados en la cuenca del río Doce y los procesos de lucha y reconstrucción de los afectados y profesionales involucrados. A lo largo del proceso se comprendió que la conexión de las poblaciones con su patrimonio es una fuerza motriz que les ayuda a afrontar las pérdidas. También se observa que este Proyecto puede ser un diferencial en la ampliación del conocimiento de diversos públicos sobre el tema del patrimonio, posibilitándoles nuevas perspectivas y permitiendo una posible preparación de otros colectivos en la conservación de su patrimonio.

Palabras clave: *Desastre del Río Doce; Patrimonio cultural; Recuperación del patrimonio; Resiliencia; Patrimonio cultural en riesgo*

INTRODUÇÃO

Em maio de 2019 foram realizadas em Minas Gerais as filmagens do quinto episódio do *ICORP ON THE ROAD*, que tem realizado documentários em alguns locais onde parte expressiva do patrimônio foi perdida, devido a desastres naturais ou ações humanas destrutivas. Este projeto é uma iniciativa do Comitê Científico Internacional sobre Preparação para os Riscos - *ICORP*, um dos 28 comitês científicos do Conselho Internacional de Monumentos e Sítios - *ICOMOS*, em parceria com o *TAMIR*, Centro de Pesquisa para Preservação do Patrimônio Histórico da *Yildiz Technical University* em Istambul, Turquia. O *ICOMOS* é uma organização não-governamental mundial dedicada à conservação e proteção do patrimônio cultural, um órgão consultor da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, *UNESCO*. O objetivo deste Comitê *ICORP* é melhorar a preparação de pessoas, instituições e órgãos governamentais diante do risco de desastres tanto naturais quanto antrópicos, buscando-se a redução do risco, do tempo de resposta e extensão dos danos e o aprimoramento no resgate do patrimônio cultural.

Como se observa, na ocorrência de alguma tragédia, a prioridade é dada às vítimas, e esse é o processo natural. Posteriormente são computados os danos humanos, ambientais e o impacto econômico, enquanto os danos relativos à destruição do patrimônio cultural são comumente subestimados ou não contabilizados. É frequente, ainda, que durante as operações de salvamento o patrimônio cultural seja negligenciado e esteja sujeito ao agravamento dos danos ou à sua perda total, devido ao desconhecimento dos envolvidos no processo de resgate desses bens. Desde outra perspectiva, no processo de recuperação constata-se dificuldades para realizar o cálculo financeiro dos danos culturais, o que adia medidas compensatórias e corretivas e/ou inviabiliza possíveis indenizações. Além disso, amiúde as ameaças ao patrimônio são desconhecidas ou imprecisas e, portanto, não integram um plano de gerenciamento de risco ou um plano de contingenciamento, que poderiam propor medidas para a redução do risco ou sua mitigação.

Assim, a partir deste panorama complexo que envolve a abordagem do patrimônio em situações pré e pós desastre, o *ICORP* pretende preparar as partes interessadas, os *stakeholders*, para a proteção de seu patrimônio. Entende-se que quando as comunidades possuem informações sobre os riscos, mapeamento dos bens, conhecimento sobre os instrumentos de salvaguarda, entre outras, têm maior

capacidade de cuidar do patrimônio, inclusive demandando medidas protetivas aos responsáveis: caso os governos possuam informações sobre os impactos socioeconômicos e culturais que esses eventos podem acarretar, têm condições de serem mais criteriosos em seu planejamento, incluindo a avaliação das licenças concedidas e o estabelecimento de medidas preventivas, e se as equipes de resgate possuírem conhecimentos sobre o patrimônio, podem aliar às suas operações de busca o salvamento de bens materiais de valor cultural.

Nessa mesma linha de pensamento, o ICORP concebeu a realização dos documentários *ICORP on the Road*, com o objetivo de suscitar reflexões sobre os valores do patrimônio e apresentá-los através das narrativas de comunidades afetadas por desastres e especialistas no campo da conservação, mostrando suas respostas relativas à recuperação dos locais de patrimônio cultural. Esse processo vem revelando, ainda, o valor do patrimônio e de sua recuperação no processo de reconstrução e na resiliência das comunidades diante das perdas, e sua importância para a manutenção da identidade e história locais.

Sob a coordenação de sua idealizadora, a arquiteta Zeynep Gül Ünal¹, os documentários buscam, portanto, conscientizar o público sobre os impactos dos desastres, ampliar o processo de proteção do patrimônio, bem como dar visibilidade às necessidades das comunidades atingidas e ao seu processo de superação diante dos desafios. Essas narrativas podem auxiliar também outras comunidades que perderam seu patrimônio a encontrarem inspiração e novas estratégias de recuperação, além de proporcionar a ampliação desse debate para a sociedade em geral e para organismos competentes, almejando a efetivação de mudanças para que eventos que possam ser evitados não se repitam.

¹ Zeynep Gül Ünal é vice-presidente do Comitê Científico de Preparação para o Risco - ICORP e Diretora do Centro de Pesquisa de Preservação do Patrimônio Histórico da Universidade Técnica Yildiz, Turquia, e fez um esforço pessoal para tornar públicas essas histórias. Com a venda de seu carro para arcar com as despesas do primeiro episódio, ela conseguiu conquistar mais voluntários para tornar esse sonho realidade, correndo riscos como entrar em áreas controladas pelo Talibã ou aterrizar em aeroportos recentemente bombardeados.

ICORP ON THE ROAD, OS DOCUMENTÁRIOS

Os documentários do Projeto têm em comum histórias marcantes, que revelam como as populações de diferentes países estão lidando com as consequências de eventos catastróficos, de diferentes naturezas, sob a perspectiva da reconstrução do patrimônio e de suas vidas. As gravações anteriores foram realizadas no Nepal, Turquia, Paquistão, Afeganistão e Mali.

Em 2015, o terremoto *Gorkha* ceifou milhares de vidas no Nepal e deixou um rastro de destruição ao longo do Vale Sagrado. Entre os locais imantados de memórias e significados, onde os sobreviventes não poderiam mais realizar seus rituais, estavam seis bens culturais listados como patrimônio mundial. Três anos depois, o primeiro episódio do *ICORP on the Road: Reconnecting the Sacred Valley, Kathmandu*, expõe histórias inspiradoras de superação, tratando sobre os valores do patrimônio e o envolvimento dos moradores - como detentores de saberes populares que mantêm as mesmas tradições construtivas de seus antepassados - no processo de reconstrução do seu patrimônio o que, de certa forma, tem lhes dado esperança e orgulho, devido às suas possibilidades de ação sobre o presente.

O segundo episódio *Mithras Meeting Back With Daylight*, foi filmado no sítio arqueológico do Castelo de Zerzevã, na Anatólia, Turquia, destruído no século XVII durante os embates entre os exércitos Sassaniano e Romano do Oriente. O episódio conta como a escavação arqueológica iniciada em 2014 está contribuindo para resgatar a história da região, revelando novos lugares como o templo de Mitra, encontrado sob ruínas em 2017; avivar as conexões entre o passado e o presente; gerar renda para as comunidades; ampliar sua interação e envolvimento das comunidades na construção de projetos em comum, após os ataques terroristas de 2016, que abalaram suas vidas.

O terceiro episódio, filmado no Paquistão em parceria com o ICOMOS Paquistão e o Instituto de Arquitetos do Paquistão, o capítulo *Peshawar*, de março de 2019,² abordará os esforços de profissionais e membros da sociedade civil para proteger e resgatar o patrimônio de *Swat*, uma área afetada tanto por desastres naturais como

² A programação do *ICORP on the Road* no Paquistão incluiu também um encontro com graduandos de arquitetura e arqueologia de sete instituições diferentes de Khyber Pakhtunkhwa and Islamabad, com no intuito de sensibilizar a nova geração de "guardiões" do patrimônio cultural com respeito à sua conservação, junto a um Simpósio realizado na Universidade de Swabi.

terremotos e inundações, como por desastres causados pelo homem. Uma das maiores ameaças ao patrimônio local foi o controle Talibã exercido entre os anos de 2007 e 2009, quando a Xaria - corpo de leis baseado nos costumes, que fundamenta-se no Alcorão e na religião do islã - proibiu manifestações culturais milenares tais como a música, a dança e o artesanato tradicionais, destruindo sítios do período pré islâmico e implodindo o museu que guardava a maior coleção de artefatos Gandhara³ do mundo.

Foram ainda realizadas expedições e gravações no Afeganistão e em Timbuktu, no Mali, que se encontram em fase de edição. Com a presença humana há mais de quatro mil anos, o Afeganistão, país cuja localização geoestratégica entre o Oriente Médio e a Ásia Central propiciou a formação de uma cultura extremamente rica, se tornou local de encontro de diferentes culturas, integrando importantes conexões como a rota da seda. No entanto, sua situação geográfica também foi motivo para diversas disputas desde a antiguidade. Sua história de conflitos mais recente tem início na Guerra Fria, seguida de uma guerra civil, onde o grupo *Talibã* saiu vencedor. Após o atentado nos Estados Unidos, em 2001, os americanos intervieram no país. Até mesmo a Força Internacional de Assistência para Segurança, criada pelo Conselho de Segurança das Nações Unidas na tentativa de dar estabilidade ao país e promover a sua reconstrução, não tem sido capaz de conter frequentes atentados a bomba e a destruição proposital do patrimônio, como os budas do Vale de Bamiyán, e a situação tem resultado em um número crescente de refugiados. Em uma missão quase secreta, o documentário contará a história heróica de afegãos que não pretendem desistir de seu país, de sua cultura ou de seus bens patrimoniais.

Tombuctu (ou Timbuktu), no Mali, foi a capital intelectual e espiritual que viveu seu apogeu entre os séculos XIV e XVI. A localização estratégica desta cidade africana, às margens de um tributário do rio Níger, entre o deserto do Sahara e uma zona de terras férteis, tornou-a um importante entreposto de ouro, sal, gado, grãos e também um centro para a negociação de manuscritos. Assim, foi fundada ali a Universidade de Sanceré, onde mais de 50 mil sábios trabalharam para a difusão do Islã. Essa história tão rica, unida à sua arquitetura singular, representada pelas mesquitas de

³ Gandhara foi um reino indiano antigo, localizado no norte do Paquistão e no leste do Afeganistão, localizado no vale de Pexauar, no planalto Potohar e ao lado norte do rio Cabul.

Djingareyber, Sankore e Sidi Yahia, motivaram sua inscrição como Patrimônio Mundial, em 1988. Todavia, desde 2012 o Mali é palco de uma luta armada e a Missão Multidimensional Integrada das Nações Unidas para a Estabilização do Mali não conseguiu impedir a destruição de mais de quatro mil manuscritos, que ocorreram de forma criminosa na cidade. As ameaças ao conhecimento científico islâmico contido nesses manuscritos levou à transferência de grande parte do acervo para a cidade de Bamako, no sul do país, e essas perdas representam um grande risco à identidade histórico-cultural de Tombuctu. Esse episódio vai narrar a história de pessoas que arriscam as próprias vidas para preservar seus maiores tesouros, os manuscritos repletos de ensinamentos, e daqueles que mantêm viva a técnica tradicional da arquitetura de terra local.

PREPARANDO O EPISÓDIO BRASILEIRO

A inspiração para a realização do episódio brasileiro ocorreu durante uma reunião do ICOMOS, ocorrida no início de 2019, quando o professor Leonardo Castriota, presidente do ICOMOS Brasil e vice-presidente do ICOMOS Internacional relatou a arquiteta Zeynep Gül Ünal sobre o rompimento da Barragem de Fundão, localizada em Mariana, no estado de Minas Gerais, ocorrido em novembro de 2015, e suas consequências, ressaltando a destruição total do sub-distrito de Bento Rodrigues, grandes danos à outras localidades e perdas ambientais que o caracterizaram como o maior desastre de barragens de rejeitos, em termos de volume - cerca de 50 a 60 milhões de metros cúbicos de rejeitos despejados - e maior distância percorrida pela lama, aproximadamente 680 km de trajeto do material até o Oceano Atlântico (OLIVEIRA, 2016), tornando-se também o maior desastre ambiental da história brasileira.

Além disso, nessa conversa com a coordenadora do projeto *ICORP on the Road*, o professor Castriota ressaltou os impactos da tragédia que ultrapassam os danos materiais, como a possível perda de conexão das comunidades afetadas com seus territórios e os danos psicossociais causados aos moradores dos trinta e oito municípios atingidos pelo mar de lama de rejeitos. Ele relatou também o temor que passou a existir para aqueles que vivem próximos a outras áreas com barragens, especialmente no estado de Minas Gerais. Complementando, Castriota destacou a relação fundamental dos povos indígenas com o Rio Doce, contando a triste história

da cerimônia fúnebre que o povo Krenak realizou para se despedir do "seu *Watu*" (Rio Doce), que para eles representa um ente familiar. A distância temporal entre a notícia de que a lama estava descendo o rio e sua passagem pela reserva indígena permitiu aos Krenak realizarem essa cerimônia de despedida.

Sensibilizada pela história, a professora Ünal começou o planejamento das filmagens junto à uma equipe brasileira⁴⁵, que estruturou a narrativa do evento em torno de algumas questões essenciais, propondo visitas de campo e identificando interlocutores que seriam capazes de construir, através de entrevistas, uma visão ampliada do desastre. Foram identificadas pessoas que compreendiam seu contexto e os impactos, o processo de reconstrução de suas realidades e ações voltadas para a preservação do patrimônio material e imaterial. Os próximos passos incluíram estruturar a logística do processo, realizar o trabalho de campo e, após as filmagens, traduzir as entrevistas para o inglês, preparando o material audiovisual para o processo de edição.

O DESASTRE AO LONGO DO RIO DOCE E A FORMAÇÃO HISTÓRICA DAS VILAS MINEIRAS

⁴ A equipe de campo, coordenada por Zeynep Gül Ünal, contou com o cinegrafista Yalçın Koca, também da Turquia, a doutoranda Samantha Nery e os mestrandos Cláudia Andrade e João Otoni, do Programa de Pós Graduação em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável, PPG-ACPS, da Escola de Arquitetura da UFMG, sob a supervisão do Prof. Leonardo Castriota. Parte da equipe havia participado na elaboração do Dossiê de Tombamento de Bento Rodrigues (2019), documento que pretendeu subsidiar o tombamento realizado em caráter de urgência pela Secretaria de Cultura, Patrimônio Histórico, Turismo, Esportes e Lazer de Mariana, COMPAT MG, em 2017. O mestrando João Otoni tem a comunidade e o subdistrito de Bento Rodrigues como objetos de sua pesquisa de mestrado.

⁵ Do ponto de vista do tombamento, o Dossiê realizado por uma equipe do Programa PPG-ACPS, investigou os valores de Bento Rodrigues, inspirando-se na Carta de Burra (1999). Essa Carta propõe que os valores de um patrimônio sejam atribuídos pelos atores envolvidos com o mesmo. Os "valores", neste caso, compreendem "uma série de características ou qualidades positivas" atribuída a um objeto ou sítio e define "grupo de agentes e de interesse" como "qualquer grupo com um interesse legítimo naquele bem". (MASON, 2002, p. 27; MASON e AVRAMI, 2002, p. 15; DE LA TORRE, 2005, p. 5). A partir desta abordagem da conservação baseada em valores (MASON, 2002), o Dossiê considerou duas perspectivas: os valores associativos do lugar, constatados junto à comunidade; e o valor que Bento Rodrigues adquiriu a partir do desastre, em nível local e nacional, como espaço simbólico que passou a ter significado para o Brasil e para o mundo como um sítio de memória. Neste sentido, um sítio de memória, que representa as memórias de um grupo e/ou de determinado lugar que recebeu ampla visibilidade, tem potencial para se transformar em um sítio de consciência, ao possibilitar reflexões que se conectam com o futuro: "sítios de consciência" podem ser definidos como lugares que interpretam a história de um determinado lugar, engajam o público em programas que estimulam o diálogo sobre questões sociais imperiosas, fornecem oportunidades para envolvimento público e ação positiva em relação às questões levantadas no sítio e promovem a justiça e a cultura dos direitos humanos (INTERNATIONAL COALITION OF SITES OF CONSCIENCE, 2018, p. 14,15).

No dia 05 de novembro de 2015, a barragem de rejeitos do Fundão, localizada no município de Mariana, em Minas Gerais, pertencente à empresa Samarco, se rompeu: “foram 50 milhões de metros cúbicos de resíduos minerários que, carreados até o Rio Doce, um dos mais importantes do sudeste brasileiro, percorreram aproximadamente 600 km até a foz no Oceano Atlântico” (ZHOURY et al., 2018, p.30). Implantada a apenas 2,5 quilômetros de Bento Rodrigues, o rompimento de Fundão atingiu o subdistrito com uma enxurrada de rejeitos, desabrigando grande parte da população e matando cinco pessoas naquele momento. Estima-se que cerca de 80% do povoado foi materialmente atingido pela lama, deixando a sua rua de acesso principal, a Rua São Bento, coberta com quase 15 metros de altura de rejeitos (MIRANDA et al., 2017). Das 180 casas existentes, apenas 22 restaram. As imagens impactantes da lama percorreram o Brasil e o mundo e tornaram Bento Rodrigues o símbolo da tragédia, do sofrimento enfrentado por todos os grupos de atingidos, junto ao descaso das mineradoras e a destruição da natureza.

Além de Bento Rodrigues, outros sete povoados pertencentes à cidade de Mariana (MG) tiveram parte de seu território coberto pela lama, deixando uma população de desalojados em Camargos, Bicas, Ponte do Gama, Paracatu de Cima, Paracatu de Baixo, Pedras e Campinas. Outros dois povoados também foram diretamente atingidos, Barretos e Gesteira, pertencentes ao município de Barra Longa (MG) (ZHOURY et al., 2018, p.33). Dentre estes, os mais devastados foram Paracatu de Baixo e Gesteira.

O fluxo de rejeitos minerários atravessou a barragem de água Santarém e seguiu o fluxo do Córrego Santarém, dos rios Gualaxo do Norte, Carmo e Doce até atingir o Oceano Atlântico, 17 dias após o rompimento de Fundão. Ao longo dos 680 km percorridos (demarcados na Figura 01), a lama afetou trinta e cinco municípios mineiros e três capixabas, além de inúmeros distritos e aldeias, incluindo vários aspectos socioeconômicos, culturais e ambientais. O mar de lama provocou dezenove mortes, desalojou centenas e desempregou milhares, causando perdas irreversíveis na fauna e na flora nos locais que atravessou, com possibilidades de ter acarretado a extinção de espécies.

Figura 01 - Caminho dos Rejeitos Minerários da Barragem de Fundão, 2015



Fonte: Samarco. Disponível em: <<https://www.samarco.com/rompimento-da-barragem-de-fundao/>>
Acesso em Jun 2019

Em pouco tempo, o evento de proporções inéditas alterou profundamente o cotidiano de toda a população do vale do Rio Doce, originando impactos que ultrapassaram seu próprio espaço geográfico. O evento de Fundão, barragem classificada como segura até o evento, alertou para o risco de rompimento de outras barragens classificadas com graus de risco maiores. Todas as comunidades que se encontram à jusante de alguma barragem foram afetadas psicologicamente, colocando também "em xeque" os laudos de estabilidade das outras barragens brasileiras. Assim, esse desastre pode ser observado não apenas pelo fato em si, mas pela iminência de futuras catástrofes, trazendo à tona a discussão sobre o processo de atuação das empresas minerárias no Brasil, suas influências no processo de desenvolvimento e suas múltiplas ameaças.

Uma parcela do território atingido compreende importante complexo histórico-cultural que apresenta reminiscências arqueológicas pré coloniais, assim como rico acervo, vivo e presente, constituído a partir da corrida do ouro que teve lugar nos sertões, ao final do século XVII, e que deu início à ocupação desse território. A atividade mineral que motivou a colonização da região e deu origem ao estado de Minas Gerais, incluindo a construção de cidades como Ouro Preto, Mariana, Diamantina e outras vilas menores, propiciou o nascimento de uma cultura própria. O afluxo de imigrantes de diversas origens e etnias, provocado pela corrida do ouro, deixou marcas profundas na religião, na culinária, na fala, perceptíveis mesmo após a exaustão do metal na região. Além disso, a atividade rural para o abastecimento das minas se tornou uma alternativa produtiva nas localidades onde os veios de aluvião

se esgotaram mais rapidamente, promovendo gradualmente um forte vínculo dos habitantes com o lugar. Algumas dessas comunidades rurais tornaram-se pontos de apoio aos tropeiros que avançavam ao longo das Estradas Reais mineiras, em busca de veios para exploração de ouro e outros minerais, como ocorreu com Bento Rodrigues, que integra o chamado Caminho Novo.

Concomitante à atividade rural, no entanto, uma nova forma de exploração mineral surgiu em Minas Gerais a partir da República, em especial no Quadrilátero Ferrífero. Essa atividade - a exploração do minério de ferro - constituída por outra "natureza" econômica e com dimensões muito maiores, se insere na lógica do capital mundial e traz poucas contribuições às culturas locais. Ainda assim, se tornou a principal atividade econômica do estado, participando com aproximadamente 80% da arrecadação de impostos em alguns municípios, o que impede que outras atividades econômicas mais sustentáveis e ligadas à cultura dessas localidades possam se desenvolver.

O EPISÓDIO BRASILEIRO

No Brasil, apesar da legislação assegurar a valorização e a proteção de seu patrimônio cultural, as atividades econômicas minerárias vêm sistematicamente colocando-o em risco, apresentando um conjunto de falhas em todo o seu processo exploratório, desde as etapas do licenciamento ambiental até as formas de destinação eleitas para os rejeitos da atividade. Este tema é o pano de fundo para o episódio brasileiro, que retrata as consequências de um desastre minerário que poderia ter sido evitado.

As filmagens incluíram visitas à várias localidades, iniciando-se com uma viagem de trem realizada pela equipe ao longo do vale do Rio Doce até Resplendor, Minas Gerais, onde o remanso da Hidrelétrica de Aimorés fez com que ribeirinhos e uma das maiores comunidades indígenas mineiras convivessem com a morte de forma intensa. Nesse processo, foram feitas várias entrevistas com atores importantes, testemunhando como as comunidades afetadas estão lidando com suas perdas, relatando ações que podem auxiliar na recuperação pós desastre e lições aprendidas.

Posteriormente, a equipe fez duas viagens a Bento Rodrigues, à sede do município de Mariana, e visitas a Ouro Preto e a Congonhas, que abrigam patrimônios da humanidade e também possuem barragens de rejeitos em seus entornos, classificadas com alto risco de rompimento. Em Belo Horizonte foram entrevistados profissionais de notório saber nos campos do patrimônio, conservação, meio ambiente, e interlocutores da Fundação Renova.

Na primeira viagem do projeto, em Resplendor, o cacique Gão (Figura 02) contou como o desastre provocou desequilíbrios no ecossistema do Rio Doce, afetando diretamente o cotidiano da aldeia Krenak, que vem sofrendo impactos desde a implantação da mineração no vale do rio. A origem e história deste povo estão estreitamente ligadas ao Rio. Segundo o cacique, mais grave do que perderem a principal fonte de recursos para a sua sobrevivência, como os pescados e as caças que habitavam as margens do rio, têm sido as perdas referentes a aspectos fundamentais de sua identidade cultural, conectados com a vida envolvendo o Rio. A transmissão de saberes para os mais jovens como a pilagem de grãos em cavidades na pedra, as estratégias para pesca e caça praticadas entre as pedras, a secagem de peixes nas pedras, a natação e rituais indígenas realizados às margens e no leito do rio, a convivência com as crianças nesse espaço, todas essas experiências foram profundamente comprometidas e até hoje grande parte dessas pedras ainda apresenta as marcas da lama. Como o cacique questiona, com tristeza: "como explicar às crianças que aprenderam que o rio é uma entidade boa e provedora de sua existência que, de uma hora para outra, não é mais confiável?".

Pescadores e ribeirinhos entrevistados no município também relatam que os impactos no lazer e em suas relações sociais foram mais significativos do que os impactos econômicos, pois o rio era um dos locais fundamentais de encontro da população. Contribuía ainda para a alimentação cotidiana, que se baseava principalmente em peixes frescos. Os mais jovens, que já não mantinham o mesmo interesse pelas atividades ribeirinhas, perderam a conexão com o rio a partir do desastre, e não têm aprendido mais as técnicas de pesca, de produção de redes e tarrafas ou o reconhecimento dos diferentes pescados, como relatou o pescador Luiz, dificultando a transmissão dos conhecimentos conectados ao rio para as futuras gerações. Essa perda de conexão com o rio foi reafirmada pela fala do

secretário de Meio Ambiente e de Turismo de Resplendor, Washington Moreno, que abordou a perda das principais opções de lazer no município.

Figura 02 - Cacique Gao explicando como pilavam os grãos nas pedras, junto à equipe de filmagem



Fonte: Foto Cláudia Andrade, 2019.

Em Mariana foram entrevistados os editores do Jornal *A Sirene*, cujo nome faz referência ao equipamento de segurança que não soou no dia da tragédia e que, no entanto, deveria ser equipamento essencial de proteção para as populações localizadas à jusante da barragem, na eventualidade de uma catástrofe. Larissa Pinto, jornalista responsável pela publicação, disse que o Jornal passou a ser publicado a partir do desastre com o objetivo de dar voz aos atingidos, promover a troca de informações entre eles e perpetuar suas histórias e valores. Este tem sido um importante veículo para resgatar e manter a memória do lugar, estimular o diálogo e contribuir para a manutenção do vínculo entre os moradores, que estão instalados em Mariana, frequentemente em locais distantes entre si, dificultando a convivência diária entre eles, como ocorria anteriormente em Bento Rodrigues.

Visitou-se também a *Cantaria*, a Reserva Técnica mantida pela Fundação Renova, que atualmente concentra todos os objetos encontrados nas áreas afetadas, conversando-se com a equipe responsável pela catalogação, proteção e restauro das peças, este último processo iniciado recentemente. Muitas das peças que lá se encontram foram resgatadas pelo Centro de Conservação e Restauração de Bens Culturais - CECOR, da Escola de Belas Artes, da Universidade Federal de Minas

Gerais - UFMG e pelo Ministério Público de Minas Gerais, nos meses que se seguiram ao rompimento e, recentemente, foram transferidos para a Reserva. A comunidade tem participado na seleção de seu acervo pessoal, mas ainda aguarda para retomar a posse de seu patrimônio material.

Figura 03 - Objetos acondicionados na *Cantaria* (Reserva Técnica)



Fonte: Foto Samantha Nery, 2019.

Em uma das viagens realizadas a Bento Rodrigues – o epicentro do desastre - foi possível avistar, ao longo da estrada, a construção do subdistrito da Lavoura, local proposto pela Fundação Renova para o reassentamento dos bento rodriguenses, e na segunda visita passou-se por outra estrada, onde se avista a cava da barragem rompida, esvaziada dos rejeitos, o que possibilitou o dimensionamento da imensa quantidade de lama que era armazenada naquele espaço.

Figura 04 - Bento Rodrigues, 2019



Fonte: Foto João Pedro Otoni, 2019.

Passados três anos e meio do desastre, caminhar por Bento ainda é impactante - e talvez sempre o será - devido à visão das ruínas, avistando-se os remanescentes das casas e o espaço vazio e silencioso, as marcas de lama nas paredes restantes, sabendo-se que ali foi, outrora, um lugar repleto de vida e memórias acumuladas ao longo de seus 306 anos de existência. Ali foram entrevistados alguns dos atingidos e visitadas suas duas igrejas, a Igreja de Nossa Senhora das Mercês, tombada pelo Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico, IEPHA, e protegida da lama devido à sua localização na parte mais alta do território e a Capela de São Bento, que foi praticamente toda devastada, restando apenas suas fundações em pedra, seu soalho de madeira antigo e as campas. Outra parcela do subdistrito se encontra alagada desde a construção de diques pela empresa mineradora, submergindo várias propriedades e remanescentes históricos de grande significado para a comunidade (Figura 05).

O Sr. José Horta, morador de Bento Rodrigues, descreveu em sua entrevista a altura que a lama atingiu e o caminho percorrido a partir do rompimento da barragem, e contou a tristeza que tem sido para ele e sua família a perda de um sonho, que era viver sua aposentadoria em Bento, o que também foi relatado pelo Sr. Manoel Muniz, que havia se aposentado há um ano, no mesmo período que a sua esposa, e ambos haviam planejado viver em Bento essa fase de suas vidas, se

sentindo privilegiados por estarem em um lugar de grande beleza, tranquilidade e cercado de família e amigos.

Em sua entrevista, perguntada sobre o que lhe dá forças para seguir sua caminhada, Mônica dos Santos, também moradora "do Bento", disse que o fato deles continuarem frequentando o distrito tem sido a força motriz para que sigam lutando. A comunidade tem resistido incessantemente para manter os usos e práticas do lugar, realizando ali suas festas religiosas tradicionais, aniversários, funerais e visitas frequentes, revelando fortes vínculos entre os moradores e sua terra natal, apesar de sua materialidade estar quase toda comprometida.

Figura 05 - As águas represadas pelo dique inundam várias propriedades destruídas pela lama, apagando os vestígios do desastre, e entrevista para o episódio



Foto: Cláudia Andrade, 2019.

Congonhas encerrou o ciclo das visitas buscando alertar, a partir de seu contexto, que desastres como o do Rio Doce podem se repetir se não forem modificados os modos de funcionamento da mineração brasileira. Seus moradores vivem um longo período de sofrimento, pois estão cercados por 24 barragens, sendo que a Barragem de Rejeitos Casa de Pedra, da CSN, é a maior do mundo localizada em área urbana. Essa barragem foi construída acima do nível de alguns bairros da cidade, como o Residencial Gualter Monteiro, localizado a apenas 300 metros, colocando centenas de moradores na zona de auto-salvamento, ou seja, em uma área onde não haveria tempo para intervenções e auxílios externos no caso de rompimento. Este perigo vem promovendo medo ininterrupto na comunidade, potencializado após os desastres de Mariana e de Brumadinho, em janeiro de 2019, e o risco iminente de rompimento da barragem de Gongo Soco, em Barão de Cocais, Minas Gerais, incluindo as denúncias de vazamento em seus taludes.

As filmagens foram complementadas com a entrevista de Castriota, que lembrou a trajetória do desastre e estabeleceu a narrativa central do documentário. Na UFMG, a professora Bethania Reis Veloso, do CECOR, e Marco Cristiano Zucarelli, do

Grupo de Estudos em Temáticas Ambientais, GESTA, analisaram o evento a partir de suas perspectivas, respectivamente da salvaguarda, conservação e restauração de bens culturais móveis; e de uma visão antropológica dos conflitos ocorridos em territórios minerários.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A jornada realizada nas filmagens buscou⁶ transmitir a compreensão de como a atividade minerária, da maneira como vem sendo amplamente praticada no Brasil, tem provocado danos às suas comunidades e ao seu patrimônio material e imaterial, causando perdas humanas e impactos permanentes na paisagem do país, propiciando também debates que podem modificar esse cenário de tragédias. Por outro lado, destaca-se o processo de reconstrução que é relatado nas entrevistas, revelando como a manutenção da conexão das comunidades atingidas com seu patrimônio é condição *sine qua non* que lhes fortalecem na superação das enormes dificuldades cotidianas e lhes inspiram a seguirem e buscarem novos caminhos que mantenham vivas as suas histórias, memórias e valores.

Logo, o patrimônio material e imaterial das comunidades traz significados essenciais na constituição e manutenção de suas identidades e é uma dimensão formativa das memórias individuais e coletivas. Neste sentido, a perda do patrimônio pode promover grandes impactos negativos, variando de acordo com os significados dos objetos, celebrações e sítios para os envolvidos. Conseqüentemente, estes impactos são difíceis de se mensurar: como calcular um valor monetário para uma celebração religiosa ou um objeto transmitido por gerações em uma família? Como classificar este impacto como um simples “dano moral”? Conforme retratado nas palavras de Mônica dos Santos, há perdas que são incomensuráveis.

Eu nasci, eu fui batizada, eu recebi a Primeira Comunhão, eu fui crismada. E pretendia, não sei, casar, ter meus filhos, batizá-los, seguindo os mesmos rituais e no mesmo local onde eu fiz quase tudo na minha vida. E hoje, a Igreja de São Bento, que eu vivia do lado, que eu estava lá todos os dias, simplesmente não existe mais.

⁶ Este episódio deverá ser lançado em setembro de 2019 e, junto a outros episódios, fará parte do material didático do curso *First Aid to Cultural Heritage in Times of Crisis* (FAC), que acontecerá neste novembro/dezembro, na sede do Centro Internacional de Estudo para Preservação e Restauração da Propriedade Cultural, ICCROM, em Roma, Itália.

Considerando, portanto, a jornada do *ICORP on the Road* em terras brasileiras, que apresenta vários contextos onde há riscos graves para o patrimônio sem a realização de planos de contingência ou propostas prévias de salvaguarda ou reconstrução, acreditamos que esses documentários possibilitem e incentivem reflexões e diálogos em diferentes contextos culturais sobre a relevância do patrimônio e de sua preservação, restauro e proteção para a resiliência das comunidades, que vêm revelando conexões únicas e significativas com os diferentes envolvidos.

Em Bento Rodrigues, como seus moradores relatam, voltar ao lugar de origem e realizar ali suas celebrações têm alimentado sua resiliência para enfrentarem um cotidiano ainda incerto, considerando a perda de todos os seus bens materiais e de patrimônio imaterial de valor inestimável. Assim, observamos que a manutenção de sua conexão com o patrimônio tem sido um recurso fundamental durante esse processo de recuperação, através da reafirmação de seus valores e de sua identidade. Para os indígenas e os ribeirinhos, a relação com Rio Doce é uma relação mutualística, de troca e aprendizados, de vivência cotidiana, e eles aguardam ansiosamente a recuperação desta entidade tão amada por todas as suas famílias, para que as futuras gerações mantenham estes vínculos e possam preservar as vivências e ensinamentos nascidos na relação com seu *Watu*.

REFERÊNCIAS

ACSELRAD, Henri. Mariana, novembro de 2015: a genealogia de um desastre. In: ZHOURI, Andréa; OLIVEIRA, Raquel et all (Orgs.). **Mineração: violências e resistências** [livro eletrônico]: um campo aberto à produção de conhecimento no Brasil. 1.ed. Marabá, PA : Editorial iGuana; ABA, 2018.

AUSTRALIA ICOMOS. **Assessing Social Values: Communities and Experts**. Australian Heritage Commission, 1996.

AUSTRALIA ICOMOS. **The Burra Charter, 1999. The Australia ICOMOS Charter for Places of Cultural Significance**. 2013. Disponível em: <www.icomos.org/australia/burra.html>. Acesso em 05 nov 2017.

AUSTRALIA ICOMOS. **The Illustrated Burra Charter: good practice for heritage places**. 2004.

DE LA TORRE, Marta (ed.). **Heritage Values in Site Management: Four Case Studies**. Los Angeles: Getty Conservation Institute. 2005.

ICOMOS/BRASIL; CASTRIOTA, Leonardo (Coord.). **Dossiê de Tombamento de Bento Rodrigues**. Belo Horizonte: UFMG, 2019.

ICORP On the Road: inspiring tales of post-disaster response and recovery. Daily Times. APRIL 4, 2019. Disponível em: <<https://dailytimes.com.pk/372885/icorp-on-the-road-inspiring-tales-of->

post-disaster-response -and-recovery/>. Acesso em: jun 2019.

INTERNATIONAL COALITION OF SITES OF CONSCIENCE. **Interpretation of sites of memory.** Study commissioned by the World Heritage Centre of UNESCO and funded by the Permanent Delegation of the Republic of Korea. 2018. Disponível em: <<http://whc.unesco.org/document/165700>>. Acesso 10 mai 2018.

MASON, R. ; E. AVRAMI. Heritage Values and Challenges of Conservation Planning. In: TEUTONICO, J.M.; PALUMBO, G. **Management Planning for Archaeological Sites.** Los Angeles: Getty Conservation Institute, 2002. p.13-26.

MASON, Randall. Assessing Values in Conservation Planning: Methodological Issues and Choices. In: DE LA TORRE, MARTA, ed., **Assessing the Values of Cultural Heritage: Research Report.** Los Angeles: The Getty Conservation Institute, 2002.

MIRANDA, Maria Geralda; FRIEDE, Reis; RODRIGUES, Aline Cordeiro; ALMEIDA, Dafne Sampaio. Cadê a minha cidade, ou o impacto da tragédia da Samarco na vida dos moradores de Bento Rodrigues. **Interações.** Campo Grande, MS, v.18, n.2, p. 3-12, abr./jun, 2017

OLIVEIRA, Noele. **Desastre em Mariana é o maior acidente mundial com barragens em 100 anos.** Agência Brasil, 2016. Disponível em:

<<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2016-01/desastre-em-mariana-e-o-maior-acidente-mundial-com-barragens-em-100-anos>>. Acesso em: 20 de abril 2018

PACPS, CASTRIOTA, Leonardo (Coord.). **Dossiê de Tombamento: Bento Rodrigues.** Belo Horizonte: UFMG, 2019.

SITES OF CONSCIENCE. International Coalition of Sites of Conscience, 2017. Página inicial. Disponível em: <<https://www.sitesofconscience.org/pt/inicio-2/>>. Acesso em: 10 jun 2019.

TIMBUKTU. World Heritage List, UNESCO, 2012. Disponível em: <<https://whc.unesco.org/en/list/119>>. Acesso em: 20 de mai. 2019.

ZHOURI, Andréa; OLIVEIRA, Raquel; ZUCARELLI, Marcos; VASCONCELOS, Max. O Desastre no Rio Doce: Entre as Políticas de Reparação e a Gestão das Afetações. In: ZHOURI, Andréa;; OLIVEIRA, Raquel et all (Orgs.). **Mineração: violências e resistências** [livro eletrônico]: um campo aberto à produção de conhecimento no Brasil. 1.ed. Marabá, PA: Editorial iGuana; ABA, 2018.